

MAPICO – DANÇA DOS MACONDES

por

Francisco Alfredo Fernandes

(Administrador de Circunscricção)

Os Macondes designam, genéricamente, a sua dança tradicional pelo nome de *Mapico*.

Mapico é a dança em si, quer ela se destine a cerimónias de carácter religioso ou recreativo. Tem lugar por altura das sementeiras e das colheitas. Os enterros, os casamentos e a iniciação de rapazes e raparigas também dão lugar ao *Mapico*.

É dança que, em qualquer dos casos, remata outras cerimónias ou práticas levadas a efeito para o mesmo fim. Com ela culminam os festejos de casamento e as preces proferidas a favor da vinda da chuva. É ainda por meio da dança do *Mapico* que o povo recomenda rapazes e raparigas, que acabam de completar a sua preparação como homens e mulheres — ritos de iniciação — a seus antepassados, seus guardiões e assim ficam introduzidos no meio dos adultos.

Mas por *Mapico* designam também o bailarino que, mascarado a preceito, é a figura central da dança. *Mapico* é ainda a própria máscara e os tambores que servem essa dança. Objectos estes "sagrados" e cuja confecção, manutenção e conservação implicam certos tabus.

A todas as mulheres é vedado o acesso onde o artista, escondido e longe de vistas indiscretas, procede à confecção da máscara, feita de casca de árvore. Mesmo depois desta pronta, é guardada em lugar seguro e só pode ser exibida a olhares femininos em plena função, posta na cabeça do bailarino. Este papel que é sempre desempenhado por um indivíduo do sexo

masculino, de idade entre os 15 e 40 anos, nunca pode ser distribuído a uma mulher.

Em cada *Mapico* podem intervir mais que um bailarino, mas, em qualquer dos casos, a identidade deles é só conhecida de duas ou três pessoas íntimas, em geral as que determinaram a festa.

E todos estes tabus, ao que pude averiguar, vêm de longa data, talvez mesmo do início do próprio *Mapico*. Antigamente parece que esta dança se processava na altura ou com o fim de se proceder a sacrifícios humanos aos Deuses e cuja vítima era sempre um dos dançarinos que morria às mãos dos outros e dos espectadores. O sacrificado não podia ser reconhecido e o povo vivia sempre na ignorância de quem tinha sido. O motivo do seu desaparecimento mantinha-se secreto. Só se sabia que alguém fora imolado. A sua identidade não era revelada por aqueles poucos que a conheciam e esses eram os "Padres" da tribo, aqueles a quem hoje chamamos de feiticeiros.

A necessidade de se manter o segredo da identidade da vítima, talvez para não levantar conflitos sociais, obrigava a um grande recato das vestimentas e máscaras, para que por elas não se descobrisse aquela. E este cuidado, como é lógico, mantinha-se mais aceso em relação à mulher, pois que seria a mãe a primeira a opor-se a tais práticas. E talvez fosse ela, mais que o homem, quem contribuiu para pôr cobro, mais cedo, a estes ritos sanguinários. Hoje, posto de parte o sacrifício humano, ficaram na tradição da gente as práticas do *Mapico*.

A dança de carácter místico, e quase sempre o é, pois que não é mais do que um contacto de vivos e mortos, prima pelo ritmo da música que o acompanha e pela execução do bailado.

Vamos assistir, de passagem, à festa típica Macondê.

Estamos no Planalto, a 850 metros de altitude. Entremos na povoação onde se realiza o *Mapico*.

A sombra das mangueiras, plantadas no largo da aldeia, que apresenta as suas palhotas dispostas em círculo, estende-se pelo terreiro. Vê-se ali chegar gente de todos os lados, a qual é recebida pelo chefe da povoação com expressões de alegria hospitaleira.

Dois ou três mascarados dos pés à cabeça aguardam sentados em cadeiras. O povo vai fechando o recinto da dança. A afinação dos tambores, por meio de aquecimento das respectivas peles ao lume da fogueira, está quase pronta. São 15 horas, o "mestre" dá o sinal. Rufam os tambores, de vários tamanhos, em cadência ritmada. Em volta, todos os espectadores acompanham o compasso da música. O recinto da dança fica livre para actuação dos bailarinos, que intervêm um de cada vez. Homens e mulheres cercam esse recinto desimpedido. O dançarino, envergando máscara e indumentária próprias, atento ao ritmo da música, salta para o espaço livre.

O compasso indicou-lhe o momento oportuno. Em "sapateado" rápido e recuando, ao som dos tambores que tocam em ritmo acelerado, vence todo o espaço livre, duma ponta à outra, sempre dançando. Os tambores fazem novo sinal e o bailarino termina a sua primeira intervenção com a execução duma espécie de fuga. Outras cenas destas se sucedem até o Sol desaparecer no Ocaso. Os espectadores, ou melhor, os restantes componentes da dança, porque todos nela intervêm, gritam, levantam as mãos, como se fossem agradecer a figura central do Mapico—o bailarino, o próprio Mapico. São gestos que se confundem com ameaças ou felicitações, conforme o dançarino cumpriu bem ou não o seu papel. Função esta que satisfaz se os seus trejeitos e passos mímicos se identificaram bem com o ritmo dos tambores e foram de modo a agradar aos mortos, sempre mais exigentes que os vivos e a quem são, quase sempre, dirigidas aquelas cerimónias. É preciso que a dança seja executada com perfeição, pois que é por meio dela, entre outros ritos, que são fortalecidos os laços que unem vivos e mortos. É a dança ainda um meio de manter a coesão do grupo social indígena.

O negro, pela sua concepção filosófica, necessita estar, a todo o momento, alerta contra tudo o que possa enfraquecer essa coesão, para que logo que tenha conhecimento de qualquer facto indicador desse enfraquecimento, lhe contrapor medidas adequadas.

E quantas vezes não é Deus que, por meio de secas prolongadas, ou chuvas torrenciais, mostra que está descontente com os homens, sinal de que entre os vivos não foram cumpridas as normas da lei social? Então há que penitenciar-se. É aos antepassados, em especial aos fundadores e chefes mortos da tribo, os que "vivem" mais perto de Deus, que imploram, por meio de danças, os favores de Deus.

E os defuntos tanto podem intervir junto de Deus a favor dos vivos quando a catástrofe os atinge, como nos casos importantes da tribo — nascimentos, iniciação, caça, sementeiras, etc. A solicitação — cerimónias de toda a espécie, das quais a dança é das mais importantes — aos mortos é indispensável para que as coisas e o tempo se tornem propícios à empresa. Em todos os casos é necessário o auxílio dos antepassados, sempre que os recursos terrestres, e que são bem escassos, foram esgotados.

É pensando nesta mística que estamos assistindo ao *Mapico*, e para o integrar dentro dela recorreremos ao saber dos velhos da povoação, que, com desgosto, verificamos que pouco nos esclarecem. O maconde, reservado como é, ou mesmo porque tivesse perdido já o conhecimento do âmago da questão, haja em vista a formação daquela tribo, só nos pode informar que aquela dança é a festa das raparigas e que, dançando, se invocam os nomes delas para que Deus as faça boas mães e esposas. Nada mais conseguimos saber.

De facto, aquele *Mapico* era o fecho doutras práticas já havidas, havia meses àquela parte, com o fim de se iniciarem umas tantas raparigas, dos 10 aos 15 anos aproximadamente, na vida de adultas. Essas práticas envolviam toda uma gama de ensinamentos e conselhos a favor de uma boa conduta, tanto nas relações sexuais, individuais ou sociais, como a ter com as coisas.

Muitas velhas entravam e saíam da palhota, onde se encontravam as iniciandas. Ali acorriam, prestando o seu contributo à educação das raparigas que ouviam os últimos conselhos sobre o comportamento a ter perante o futuro marido, ou os cuidados a ter durante o período da gravidez e aleitamento dos filhos.

Mas tudo isso não serviria de nada se elas não fossem recomendadas aos poderes superiores, se sobre elas não caísse a protecção dos ancestrais da tribo, não porque estes tenham poder directo sobre vivos, mas pela influência que gozam junto de Deus.

Alguns princípios de filosofia, tais como os apresentados pelo padre Temple no seu livro *La Philosophie Bantou* traduzido do holandês para a editora *Présence Africaine*, ajudam-nos a compreender o sentido de todo o ritual destinado a estabelecer a ligação entre vivos e mortos e a necessidade mesmo destes contactos.

A necessidade dum contacto permanente entre vivos e mortos é justificada pela interdependência em que vivem uns e outros, e bem assim o grau que estes ocupam em relação àqueles na escala social. É a força vital o factor determinante das classes em que se agrupam coisas, animais e pessoas de todo o mundo banto. É essa força que determina a existência, ou melhor, existência é a própria força vital. Tudo existe pela sua força vital. Existindo o negro por essa mesma força é no seu aumento que reside a razão de ser dele. A sua finalidade na vida terrestre resume-se em conservar, pelo menos, a força vital própria. Mas, se possível, deverá aumentá-la. Os meios para atingir esta finalidade constituem todo o comportamento do indivíduo, que são a conduta a ter em relação aos outros e às coisas, seguindo o conselho dos velhos e as leis deixadas pelos antepassados.

A força vital é a força que o faz viver; é a própria vida. É a força que lhe possibilita abater a caça, trabalhar a terra, comer, ter filhos, dançar, etc. Mas esta, tal como pode ser aumentada, também pode ser diminuída por causas intrínsecas ou extrínsecas. Ou é o próprio que deu aso a isso, ou outra força de categoria superior — antepassados ou Deus —. O homem só indirectamente, por meio da influência daqueles, poderá actuar sobre outro, pois que uma força vital, por si só, não tem poder sobre outra da mesma categoria. Pode, no entanto, solicitar, para bem ou para mal, a intervenção da força imediatamente superior — a dos mortos, os quais, se

for caso disso, recorrerão à força suprema — Deus —, da qual derivam todas as outras forças.

Isto nos dá a entender, também, haver um escalonamento de forças vitais, que afinal é tudo o que existe. Com efeito, formando uma hierarquia perfeita e por ordem decrescente, tendo como padrão o valor, o poder da força vital, apresentam-se-nos: Deus, antepassados fundadores da tribo, antepassados chefes, todos os mortos, chefes vivos, restantes pessoas, animais e coisas.

Todas estas categorias de forças vitais se interpenetram, se influenciam mutuamente, mas dentro dum certo equilíbrio a que ninguém é dado o direito de romper. Todas elas podem contribuir directa ou indirectamente para bem ou para mal doutras. Só a força vital de Deus está liberta da influência de qualquer outra. Ela é absoluta e indestrutível e todas as restantes se lhe sujeitam.

Uma força vital pode influir directamente sobre outra de categoria inferior, mas nunca destruí-la ou torná-la sua igual.

Pela morte, essa força não desaparece, antes se torna mais "força vital", hierarquicamente sobe. Isto no caso da conduta do indivíduo, durante a vida terrestre, ter sido isenta de pecado. Ao contrário, o peccador está sujeito a que, pela sua morte, seja a sua força vital diminuída ou mesmo destruída, pena capital.

A maior desgraça para o negro será cair no niilismo: ser castigado com a pena capital, a da destruição completa dele mesmo, da sua força vital, pena imposta por Deus, o único ente que tem poder para isso.

A má conduta do indivíduo pode levar a sua povoação a um castigo colectivo. É o caso, por exemplo, de uma praga qualquer que venha destruir as culturas. Por outro lado, a acção benfazeja do indivíduo pode trazer benefícios para a colectividade. A chuva caída a tempo, boas colheitas, êxito nas caçadas, etc., são sucessos provenientes, antes de tudo, do bom comportamento das pessoas.

Se o culpado de romper o equilíbrio das forças vitais não é castigado imediatamente pelos seus semelhantes, certamente não se fará esperar a desgraça vinda do Céu que cairá sobre a aldeia. Após isto, torna-se imperioso restabelecer o equilíbrio perdido, o qual é conseguido por meio de cerimónias que invoquem os antepassados e apelem para Deus.

O homem, enquanto vive, independentemente do seu bom ou mau comportamento com os outros ou com as coisas, também atravessa fases de diferentes graus de força vital. A idade, o saber, a educação são determinantes da graduação dessa força. O recém-nascido, embora com força vital própria dos humanos, não a possui em toda a sua plenitude, a qual só é atingida na idade de adulto. Até esta altura tem que atravessar vários períodos, todos eles sujeitos a ensinamentos e a práticas próprios. A transição

dum para outro período requer cerimónias de carácter místico. É assim que as chamadas de iniciação não são mais do que diversos actos destinados a engrandecer a força vital do jovem, as quais se completarão quando essa força for plena, como a do adulto. Nós diríamos, então, que o homem está senhor de todas as suas faculdades mentais e físicas.

Ora o indivíduo, jovem ontem, adulto hoje, sofreu uma transição tão profunda que, mercê do aumento da força vital, se tornou outro. Fica sendo outro nome, o nome que o grupo lhe dá como homem. Daí o nós nos queixarmos dos vários nomes que o mesmo indígena possui, o que dificulta a identificação.

Depois de recolhidos os rapazes ou, no caso, as raparigas, durante uns meses, onde lhes são ministrados ensinamentos vários, são recomendados aos antepassados para que os protejam e lhes dispensem a sua ajuda, no sentido de lhes manterem ou aumentarem a força vital. É a este fim que se destina o *Mapico* a que estamos assistindo no coração das terras dos Macondes.

MAPICO – DANÇA DOS MACONDES

por

Francisco Alfredo Fernandes

(Administrador de Circunscrição)

Os Macondes designam, genèricamente, a sua dança tradicional pelo nome de *Mapico*.

Mapico é a dança em si, quer ela se destine a cerimónias de carácter religioso ou recreativo. Tem lugar por altura das sementeiras e das colheitas. Os enterros, os casamentos e a iniciação de rapazes e raparigas também dão lugar ao *Mapico*.

É dança que, em qualquer dos casos, remata outras cerimónias ou práticas levadas a efeito para o mesmo fim. Com ela culminam os festejos de casamento e as preces proferidas a favor da vinda da chuva. É ainda por meio da dança do *Mapico* que o povo recomenda rapazes e raparigas, que acabam de completar a sua preparação como homens e mulheres — ritos de iniciação — a seus antepassados, seus guardiões e assim ficam introduzidos no meio dos adultos.

Mas por *Mapico* designam também o bailarino que, mascarado a preceito, é a figura central da dança. *Mapico* é ainda a própria máscara e os tambores que servem essa dança. Objectos estes "sagrados" e cuja confecção, manutenção e conservação implicam certos tabus.

A todas as mulheres é vedado o acesso onde o artista, escondido e longe de vistas indiscretas, procede à confecção da máscara, feita de casca de árvore. Mesmo depois desta pronta, é guardada em lugar seguro e só pode ser exibida a olhares femininos em plena função, posta na cabeça do bailarino. Este papel que é sempre desempenhado por um indivíduo do sexo

masculino, de idade entre os 15 e 40 anos, nunca pode ser distribuído a uma mulher.

Em cada *Mapico* podem intervir mais que um bailarino, mas, em qualquer dos casos, a identidade deles é só conhecida de duas ou três pessoas íntimas, em geral as que determinaram a festa.

E todos estes tabus, ao que pude averiguar, vêm de longa data, talvez mesmo do início do próprio *Mapico*. Antigamente parece que esta dança se processava na altura ou com o fim de se proceder a sacrifícios humanos aos Deuses e cuja vítima era sempre um dos dançarinos que morria às mãos dos outros e dos espectadores. O sacrificado não podia ser reconhecido e o povo vivia sempre na ignorância de quem tinha sido. O motivo do seu desaparecimento mantinha-se secreto. Só se sabia que alguém fora imolado. A sua identidade não era revelada por aqueles poucos que a conheciam e esses eram os "Padres" da tribo, aqueles a quem hoje chamamos de feiticeiros.

A necessidade de se manter o segredo da identidade da vítima, talvez para não levantar conflitos sociais, obrigava a um grande recato das vestimentas e máscaras, para que por elas não se descobrisse aquela. E este cuidado, como é lógico, mantinha-se mais aceso em relação à mulher, pois que seria a mãe a primeira a opor-se a tais práticas. E talvez fosse ela, mais que o homem, quem contribuiu para pôr cobro, mais cedo, a estes ritos sanguinários. Hoje, posto de parte o sacrifício humano, ficaram na tradição da gente as práticas do *Mapico*.

A dança de carácter místico, e quase sempre o é, pois que não é mais do que um contacto de vivos e mortos, prima pelo ritmo da música que o acompanha e pela execução do bailado.

Vamos assistir, de passagem, à festa típica Maconde.

Estamos no Planalto, a 850 metros de altitude. Entremos na povoação onde se realiza o *Mapico*.

A sombra das mangueiras, plantadas no largo da aldeia, que apresenta as suas palhotas dispostas em círculo, estende-se pelo terreiro. Vê-se ali chegar gente de todos os lados, a qual é recebida pelo chefe da povoação com expressões de alegria hospitaleira.

Dois ou três mascarados dos pés à cabeça aguardam sentados em cadeiras. O povo vai fechando o recinto da dança. A afinação dos tambores, por meio de aquecimento das respectivas peles ao lume da fogueira, está quase pronta. São 15 horas, o "mestre" dá o sinal. Rufam os tambores, de vários tamanhos, em cadência ritmada. Em volta, todos os espectadores acompanham o compasso da música. O recinto da dança fica livre para actuação dos bailarinos, que intervêm um de cada vez. Homens e mulheres cercam esse recinto desimpedido. O dançarino, envergando máscara e indumentária próprias, atento ao ritmo da música, salta para o espaço livre.

O compasso indicou-lhe o momento oportuno. Em "sapateado" rápido e recuando, ao som dos tambores que tocam em ritmo acelerado, vence todo o espaço livre, duma ponta à outra, sempre dançando. Os tambores fazem novo sinal e o bailarino termina a sua primeira intervenção com a execução d'uma espécie de fuga. Outras cenas destas se sucedem até o Sol desaparecer no Ocaso. Os espectadores, ou melhor, os restantes componentes da dança, porque todos nela intervêm, gritam, levantam as mãos, como se fossem agradecer a figura central do *Mapico*—o bailarino, o próprio *Mapico*. São gestos que se confundem com ameaças ou felicitações, conforme o dançarino cumpriu bem ou não o seu papel. Função esta que satisfaz se os seus trejeitos e passos mímicos se identificaram bem com o ritmo dos tambores e foram de modo a agradar aos mortos, sempre mais exigentes que os vivos e a quem são, quase sempre, dirigidas aquelas cerimónias. É preciso que a dança seja executada com perfeição, pois que é por meio dela, entre outros ritos, que são fortalecidos os laços que unem vivos e mortos. É a dança ainda um meio de manter a coesão do grupo social indígena.

O negro, pela sua concepção filosófica, necessita estar, a todo o momento, alerta contra tudo o que possa enfraquecer essa coesão, para que logo que tenha conhecimento de qualquer facto indicador desse enfraquecimento, lhe contrapor medidas adequadas.

E quantas vezes não é Deus que, por meio de secas prolongadas, ou chuvas torrenciais, mostra que está descontente com os homens, sinal de que entre os vivos não foram cumpridas as normas da lei social? Então há que penitenciarem-se. É aos antepassados, em especial aos fundadores e chefes mortos da tribo, os que "vivem" mais perto de Deus, que imploram, por meio de danças, os favores de Deus.

E os defuntos tanto podem intervir junto de Deus a favor dos vivos quando a catástrofe os atinge, como nos casos importantes da tribo — nascimentos, iniciação, caça, sementeiras, etc. A solicitação — cerimónias de toda a espécie, das quais a dança é das mais importantes — aos mortos é indispensável para que as coisas e o tempo se tornem propícios à empresa. Em todos os casos é necessário o auxílio dos antepassados, sempre que os recursos terrestres, e que são bem escassos, foram esgotados.

É pensando nesta mística que estamos assistindo ao *Mapico*, e para o integrar dentro dela recorreremos ao saber dos velhos da povoação, que, com desgosto, verificamos que pouco nos esclarecem. O maconde, reservado como é, ou mesmo porque tivesse perdido já o conhecimento do âmago da questão, haja em vista a formação daquela tribo, só nos pode informar que aquela dança é a festa das raparigas e que, dançando, se invocam os nomes delas para que Deus as faça boas mães e esposas. Nada mais conseguimos saber.

De facto, aquele *Mapico* era o fecho doutras práticas já havidas, havia meses àquela parte, com o fim de se iniciarem umas tantas raparigas, dos 10 aos 15 anos aproximadamente, na vida de adultas. Essas práticas envolviam toda uma gama de ensinamentos e conselhos a favor de uma boa conduta, tanto nas relações sexuais, individuais ou sociais, como a ter com as coisas.

Muitas velhas entravam e saíam da palhota, onde se encontravam as iniciandas. Ali acorriam, prestando o seu contributo à educação das raparigas que ouviam os últimos conselhos sobre o comportamento a ter perante o futuro marido, ou os cuidados a ter durante o período da gravidez e aleitamento dos filhos.

Mas tudo isso não serviria de nada se elas não fossem recomendadas aos poderes superiores, se sobre elas não caísse a protecção dos ancestrais da tribo, não porque estes tenham poder directo sobre vivos, mas pela influência que gozam junto de Deus.

Alguns princípios de filosofia, tais como os apresentados pelo padre Temple no seu livro *La Philosophie Bantou* traduzido do holandês para a editora *Présence Africaine*, ajudam-nos a compreender o sentido de todo o ritual destinado a estabelecer a ligação entre vivos e mortos e a necessidade mesmo destes contactos.

A necessidade dum contacto permanente entre vivos e mortos é justificada pela interdependência em que vivem uns e outros, e bem assim o grau que estes ocupam em relação àqueles na escala social. É a força vital o factor determinante das classes em que se agrupam coisas, animais e pessoas de todo o mundo banto. É essa força que determina a existência, ou melhor, existência é a própria força vital. Tudo existe pela sua força vital. Existindo o negro por essa mesma força é no seu aumento que reside a razão de ser dele. A sua finalidade na vida terrestre resume-se em conservar, pelo menos, a força vital própria. Mas, se possível, deverá aumentá-la. Os meios para atingir esta finalidade constituem todo o comportamento do indivíduo, que são a conduta a ter em relação aos outros e às coisas, seguindo o conselho dos velhos e as leis deixadas pelos antepassados.

A força vital é a força que o faz viver; é a própria vida. É a força que lhe possibilita abater a caça, trabalhar a terra, comer, ter filhos, dançar, etc. Mas esta, tal como pode ser aumentada, também pode ser diminuída por causas intrínsecas ou extrínsecas. Ou é o próprio que deu aso a isso, ou outra força de categoria superior — antepassados ou Deus —. O homem só indirectamente, por meio da influência daqueles, poderá actuar sobre outro, pois que uma força vital, por si só, não tem poder sobre outra da mesma categoria. Pode, no entanto, solicitar, para bem ou para mal, a intervenção da força imediatamente superior — a dos mortos, os quais, se

for caso disso, recorrerão à força suprema — Deus —, da qual derivam todas as outras forças.

Isto nos dá a entender, também, haver um escalonamento de forças vitais, que afinal é tudo o que existe. Com efeito, formando uma hierarquia perfeita e por ordem decrescente, tendo como padrão o valor, o poder da força vital, apresentam-se-nos: Deus, antepassados fundadores da tribo, antepassados chefes, todos os mortos, chefes vivos, restantes pessoas, animais e coisas.

Todas estas categorias de forças vitais se interpenetram, se influenciam mutuamente, mas dentro dum certo equilíbrio a que ninguém é dado o direito de romper. Todas elas podem contribuir directa ou indirectamente para bem ou para mal doutras. Só a força vital de Deus está liberta da influência de qualquer outra. Ela é absoluta e indestrutível e todas as restantes se lhe sujeitam.

Uma força vital pode influir directamente sobre outra de categoria inferior, mas nunca destruí-la ou torná-la sua igual.

Pela morte, essa força não desaparece, antes se torna mais "força vital", hierarquicamente sobe. Isto no caso da conduta do indivíduo, durante a vida terrestre, ter sido isenta de pecado. Ao contrário, o pecador está sujeito a que, pela sua morte, seja a sua força vital diminuída ou mesmo destruída, pena capital.

A maior desgraça para o negro será cair no niilismo: ser castigado com a pena capital, a da destruição completa dele mesmo, da sua força vital, pena imposta por Deus, o único ente que tem poder para isso.

A má conduta do indivíduo pode levar a sua povoação a um castigo colectivo. É o caso, por exemplo, de uma praga qualquer que venha destruir as culturas. Por outro lado, a acção benfazeja do indivíduo pode trazer benefícios para a colectividade. A chuva caída a tempo, boas colheitas, êxito nas caçadas, etc., são sucessos provenientes, antes de tudo, do bom comportamento das pessoas.

Se o culpado de romper o equilíbrio das forças vitais não é castigado imediatamente pelos seus semelhantes, certamente não se fará esperar a desgraça vinda do Céu que cairá sobre a aldeia. Após isto, torna-se imperioso restabelecer o equilíbrio perdido, o qual é conseguido por meio de cerimónias que invoquem os antepassados e apelem para Deus.

O homem, enquanto vive, independentemente do seu bom ou mau comportamento com os outros ou com as coisas, também atravessa fases de diferentes graus de força vital. A idade, o saber, a educação são determinantes da graduação dessa força. O recém-nascido, embora com força vital própria dos humanos, não a possui em toda a sua plenitude, a qual só é atingida na idade de adulto. Até esta altura tem que atravessar vários períodos, todos eles sujeitos a ensinamentos e a práticas próprios. A transição

dum para outro período requer cerimónias de carácter místico. E é assim que as chamadas de iniciação não são mais do que diversos actos destinados a engrandecer a força vital do jovem, as quais se completarão quando essa força for plena, como a do adulto. Nós diríamos, então, que o homem está senhor de todas as suas faculdades mentais e físicas.

Ora o indivíduo, jovem ontem, adulto hoje, sofreu uma transição tão profunda que, mercê do aumento da força vital, se tornou outro. Fica sendo outro nome, o nome que o grupo lhe dá como homem. Daí o nós nos queixarmos dos vários nomes que o mesmo indígena possui, o que dificulta a identificação.

Depois de recolhidos os rapazes ou, no caso, as raparigas, durante uns meses, onde lhes são ministrados ensinamentos vários, são recomendados aos antepassados para que os protejam e lhes dispensem a sua ajuda, no sentido de lhes manterem ou aumentarem a força vital. E é a este fim que se destina o *Mapico* a que estamos assistindo no coração das terras dos Macondes.